

**O DIÁLOGO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS EM PROL DA EDUCAÇÃO:
uma análise a partir das reflexões de Paulo Freire**

Maria Fernanda Moretti Schneider¹
Dilmeire Sant'anna Ramos Vosgerau²
Luana Fonseca Duarte Fernandes³

Resumo: Dialogar não é simplesmente transmitir informação. Para existir diálogo, é preciso um compartilhar mútuo de experiências, as quais provocam transformações no modo de pensar dos indivíduos que, por sua vez, podem impactar a sociedade. Este artigo tem por objetivo identificar ações dialógicas em perfis do *Instagram* que abordam o tema da pesquisa científica. Utiliza como referencial teórico a Teoria da Ação Dialógica proposta por Freire – que apresenta as quatro características de um diálogo: colaboração, união, organização e síntese cultural. Dentro de uma perspectiva fenomenológica, foram levantados 399 perfis no *Instagram* que abordam a pesquisa científica, sendo seis deles selecionados para a análise. Os resultados demonstram que as interações estabelecidas na rede social apresentam características de um diálogo, contudo não podem ser classificadas como uma ação dialógica.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e da Comunicação. Ensino pela Internet. Diálogo. Método Paulo Freire.

**DIALOGUE IN DIGITAL SOCIAL NETWORKS FOR EDUCATION:
an analysis based on Paulo Freire's reflections**

Abstract: To dialog is not simply transmitting information. To exist dialogue, it is necessary a mutual sharing of experiences, which cause transformations in the way people think, which can impact directly the society. This article aims to identify dialogic actions in Instagram profiles that address the theme of scientific research. It uses as theoretical reference the Theory of Dialogical Action proposed by Freire - which presents the four characteristics of a dialogue: collaboration, union, organization and cultural synthesis. Within a phenomenological perspective, profiles on Instagram that address scientific research were surveyed and analyzed. The results show that the interactions established in the social network present characteristics of a dialogue, however, they cannot be classified as a dialogic action.

Keywords: Information and Communication Technology. Teaching over the Internet. Dialogue. Paulo Freire method.

¹ Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (Cides). Atua como supervisora de marketing no Hospital Pequeno Príncipe. E-mail de contato: mfmschneider@gmail.com

² Phd em Educação pela Université de Montréal, Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Bolsista Produtividade em Pesquisa PQ2 – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Líder do Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (Cides). Email: dilmeire.vosgerau@pucpr.br

³ Mestre em Matemática pela Universidade Federal do Paraná. Autora de livros na área de Matemática. Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail de contato: fonseca.luana@pucpr.br

DIÁLOGO EN REDES SOCIALES DIGITALES PARA LA EDUCACIÓN: un análisis a partir de las reflexiones de Paulo Freire

Resumen: Dialogar no es simplemente transmitir información. Para que exista diálogo, es necesario un intercambio mutuo de experiencias, que provoquen transformaciones en la forma de pensar de los individuos, lo que, a su vez, puede repercutir en la sociedad. Este artículo pretende identificar las acciones dialógicas en los perfiles de Instagram que abordan el tema de la investigación científica. Utiliza como referencia teórica la Teoría de la Acción Dialógica propuesta por Freire - que presenta las cuatro características de un diálogo: colaboración, unión, organización y síntesis cultural. Dentro de una perspectiva fenomenológica, se plantearon y analizaron perfiles en Instagram que abordan la investigación científica. Los resultados muestran que las interacciones establecidas en la red social presentan características de un diálogo, sin embargo no pueden clasificarse como una acción dialógica.

Palavras-clave: Tecnología de la información y la comunicación. Enseñanza a través de Internet. Diálogo. Método de Paulo Freire.

Introdução

A organização da sociedade em rede, decorrente dos avanços tecnológicos provocados pela revolução industrial, se articula em redes interconectadas, tendo definido uma nova estrutura social. Essa estrutura modificou a relação dos indivíduos com o espaço e o tempo, alterando as dinâmicas de poder, além de provocar transformações políticas, econômicas, sociais e culturais (CASTELLS, 2020).

Em teoria, essa nova ordem se contrapõe à estrutura piramidal da sociedade, especialmente dos meios de comunicação, caracterizados pela hierarquia da informação, na qual poucas pessoas falam para uma grande massa. Em rede, as interações são mais flexíveis e horizontais, nas quais há a possibilidade de ser ora emissor, ora receptor das mensagens. Essa dinâmica ganhou ainda mais força com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, que propiciou o surgimento das redes sociais conectadas pela *internet*. Nelas, a interação ocorre a partir das mídias digitais (CASTELLS, 2020).

Configuram-se como mídias digitais todas as mídias que não dependem de um meio analógico para o funcionamento. Nelas, os dados são convertidos em sequências numéricas ou de dígitos – por isso o termo digital – e interpretados por um processador, no caso o computador. Por conta disso, as mídias digitais permitem o compartilhamento, armazenamento e conversão dos dados (MARTINO, 2015).

Diante desse cenário, optou-se por utilizar neste estudo o termo redes sociais digitais, em referência às redes sociais estabelecidas nos meios digitais. Algumas das principais

características dessas redes são a interatividade, a superação de barreiras físicas e temporais, e a alta capacidade de difusão da informação (MARTINO, 2015).

Redes sociais digitais como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, entre outras, estão presentes no cotidiano das pessoas e se articulam constantemente. Quando falham, costumam trazer consequências importantes para a rotina dos usuários (MARTINO, 2015).

As redes podem ser consideradas verdadeiros fenômenos do mundo digital, porque ganham cada vez mais adeptos com o passar dos anos. O Brasil já ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de pessoas que passam mais tempo conectadas. As pesquisas mais recentes apontam 150 milhões de usuários ativos, o que representa 70,3% da população brasileira (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2021).

Apesar dos altos índices, estudos questionam o uso das redes sociais digitais. Por exemplo, muitas são as barreiras digitais entre as pessoas que têm acesso à *internet* e as que não tem, que não estão conectadas. Outros aspectos, como a qualidade e profundidade das informações existentes nas redes, também são evidenciadas (MARTINO, 2015).

Questões como a privacidade online, o surgimento de hackers, a proliferação de Fake News e o “cancelamento” de pessoas na *internet* vêm sendo debatidas em noticiários e viraram tema até de documentários, como “*The Great Hack*” e “*Social Dilemma*” – lançados, respectivamente, em 2019 e 2020 pela *Netflix*.

Por outro lado, autores como Gomez (2015) destacam oportunidades para o uso das redes sociais digitais, especialmente na Educação no contexto do ensino superior. A autora evidencia a importância das redes para atender às demandas por educação em diversos territórios. Além da possibilidade da criação de novas conexões, as quais geram comunidades sustentadas por uma inteligência coletiva (LÉVY, 1999).

Inspirada por Freire (1987), Gomez (2004) destaca a importância de reler as práticas educativas a partir do uso das tecnologias. Assim, desenvolve uma pedagogia da virtualidade, retomando o pensamento freiriano em um novo território: a esfera digital (GOMEZ, 2015).

A proposta de Gomez (2015) consiste em aproveitar os espaços interativos propiciados pelas redes sociais digitais para promover o diálogo, um produto da reflexão conjunta, pautado na inconclusão dos seres humanos, que se fazem e refazem nas relações entre as pessoas (FREIRE, 1987).

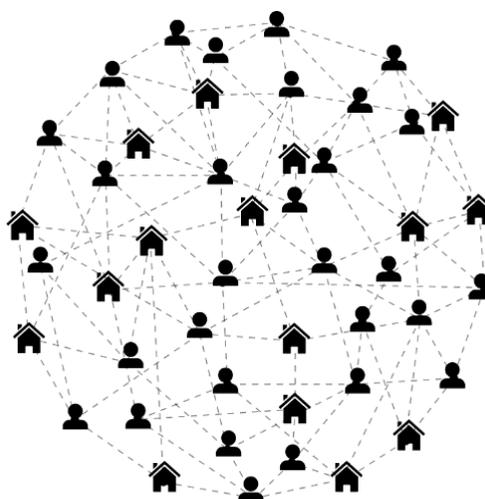
Levando em consideração que as críticas às redes sociais digitais são políticas, referem-se ao uso que delas se faz, e não técnicas (FREIRE, 1987) (GOMEZ, 2004) (PINTO, 2005), este estudo objetiva identificar ações dialógicas em perfis do Instagram que abordam o tema da pesquisa científica.

Para isso, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa fenomenológica que se deu na própria rede social digital *Instagram*. Os perfis analisados foram selecionados a partir da inserção de palavras-chave, previamente definidas pelos mecanismos de busca, propiciados pela própria rede, bem como da definição de critérios para inclusões e exclusões de termos.

Referencial Teórico

A sociedade em rede surge a partir de uma mudança no paradigma social: do industrialismo – em que havia a valorização do domínio da energia – para o informacionalismo – no qual a informação passa a ser um fator determinante na sociedade. Nela, a organização social ocorre em redes dispostas em nós (Figura 1), que consistem nos indivíduos e instituições. São nos fluxos de informação entre os vários nós que os relacionamentos sociais são estabelecidos e organizados (CASTELLS, 2020).

Figura 1 – ilustração dos nós na sociedade em rede



Fonte: as autoras

Castells (2020) explica o porquê à organização em rede é capaz de provocar mudanças profundas na sociedade: há uma grande capacidade de processamento das informações, de

combinação e recombinação delas, além de uma alta flexibilidade nos processos de comunicação e distribuição de informação.

Diferentemente da organização social vertical e hierárquica, na rede não há um centro, ou seja, não existe um controle central da sociedade. Dessa forma, as relações são mais flexíveis e horizontais. Rompem-se os sistemas econômicos, políticos, sociais e comunicacionais marcados pela hierarquia e verticalidade nas relações entre as pessoas e instituições (CASTELLS, 2020).

Este processo histórico está em constante desenvolvimento e se intensifica conforme os avanços tecnológicos. Um marco da proliferação das redes ocorreu no final do século XX, com o surgimento da *internet*, que possibilitou o estabelecimento de múltiplas conexões. A informação passou a circular de forma muito mais democrática, rápida e abrangente (CASTELLS, 2020).

No entanto, é preciso ressaltar que a organização da sociedade em redes não rompeu com todas as formas de autoritarismo ou com as relações de poder já existentes. Mesmo na *internet*, algumas informações ganham mais destaque e geram mais influência do que outras, dependendo de quem as veicula (BARABÁSI, 2009).

Mesmo contendo falhas em sua estrutura, a sociedade informacional ampliou as possibilidades para o estabelecimento de uma comunicação mais horizontal e toda essa mudança social, política, econômica e cultural impactou diversos setores da sociedade, especialmente a educação. Mas é preciso ressaltar que nem todas as informações dispostas em redes podem ser consideradas conhecimento e nem todo conhecimento é educação (GOMEZ, 2004).

Para promover educação em rede, Gomez (2015) propõe uma pedagogia da virtualidade, inspirada pelos princípios de Paulo Freire (1987). Diante das mudanças vivenciadas no mundo com o avanço das tecnologias, a autora sugere uma releitura das práticas pedagógicas a fim de promover a democratização do acesso à educação a partir do estabelecimento de novos territórios, no caso, nos ambientes virtuais. Estes têm como vantagem uma maior possibilidade de alcance das pessoas, uma vez que as barreiras de tempo e espaço são rompidas (GOMEZ, 2015).

Entre os diversos ambientes virtuais presentes na *internet* estão às redes sociais

digitais. Essas interfaces possibilitam a construção de uma **inteligência coletiva** (LÉVY, 1999), constituída a partir das conexões sociais estabelecidas entre os usuários. Também promovem uma **cultura da convergência** (JENKINS, 2009), na qual a relação de poder entre produtor e receptor de conteúdo é moldada a cada interação. Ambas as características exprimem a qualidade de reflexão conjunta para a produção de conhecimento. Essa, por sua vez, é reinterpretada constantemente conforme novas leituras e reflexões são realizadas.

Estes aspectos das redes se conectam com ideais defendidos pelo educador Paulo Freire. Para o autor, as pessoas são seres inacabados, que se fazem e refazem a partir das relações humanas (FREIRE, 1987). A ideia coincide com o conceito de inteligência coletiva, que consiste em uma inteligência construída com o outro, ou seja, diante das trocas culturais (LÉVY, 1999).

Como uma interface criada para o relacionamento, estruturalmente, as redes sociais digitais são espaços que possibilitam e, até proporcionam, ferramentas para a interação entre os usuários (MARTINO, 2015). Partindo do princípio da incompletude cultural, diante da possibilidade de conexão entre múltiplas culturas e do estabelecimento de diálogos, é possível que os seres humanos encontrem nas redes um local propício para o seu desenvolvimento e transformação junto de seus pares.

Da mesma forma, diante da convergência cultural – que ocorre quando, os indivíduos acrescentam suas contribuições (ideias, experiências, mensagens...) às interações estabelecidas, transformando-as e lançando-as novamente nas redes –, o sujeito das redes sociais contempla uma audiência que é produtiva: ao mesmo tempo em que recebe informações, reflete e também dissipa as suas próprias mensagens (JENKINS, 2009).

Retoma-se, assim, a ideia freiriana de dialogicidade. Para Freire (1987), a palavra (essência do diálogo), constitui-se de duas dimensões: ação e reflexão. Sem a prática (ação), a palavra se resume ao mero verbalismo e sem a reflexão, consiste apenas em ativismo.

A partir do diálogo – composto necessariamente pela ação e reflexão –, os indivíduos são capazes de pronunciar o mundo. Ao pronunciá-lo, o problematizam e, ao problematizar o mundo, o transformam: “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 1987, p. 44). Desse modo, o diálogo não consiste apenas

em uma troca de ideias, na qual são depositadas informações, mas em uma ação e reflexão conjunta dos sujeitos.

Diante da importância do diálogo e a fim de propor uma educação que tenha como prática a liberdade, ou seja, que não consista em um depósito de informações do educador para o educando, o autor (FREIRE, 1987) apresenta a Teoria da Ação Dialógica. Ela reúne as principais características do que vem a ser um diálogo, são elas: colaboração, união, organização e síntese cultural.

Por colaboração, entende-se que o diálogo só se realiza entre pares, quando um colabora com o outro. Essa colaboração gera uma união entre as pessoas, que se organizam em torno de suas classes para atingir objetivos comuns. Por fim, a última característica determinante de um diálogo é a síntese cultural, uma gestão democrática do conhecimento em que, cada sujeito, a partir de sua identidade, traz colaborações importantes para o diálogo (FREIRE, 1987).

Voltando-se à questão das redes sociais digitais, seria muito pessimista não olhar para elas como espaços capazes de promover ações dialógicas conforme Freire (1987), uma vez que as redes ocorrem a partir das interações humanas, promovem encontros de pessoas de diferentes territórios e possuem potencial de engajamento cívico, defesa de causas e estilos de vida (MARTINO, 2015).

Freire (1987) também pontua ações antidialógicas, características da educação bancária, na qual o educador detém todo o conhecimento e o educando é apenas um sujeito passivo do processo educacional: a conquista, dividir para manter a opressão, a manipulação e a invasão cultural.

Na ação antidialógica existe um opressor que quer conquistar o outro, impondo sobre ele a sua concepção de verdade. Além disso, tem como objetivo manter a divisão entre os oprimidos, para que eles não se unam e não reivindiquem o poder. Há então a manipulação das massas em prol do objetivo do opressor. Nessa ação, os opressores invadem o contexto cultural dos oprimidos, impondo a eles uma única visão de mundo (FREIRE, 1987).

Diante das características apresentadas, também seria muito otimista pensar que nas redes sociais não ocorrem ações antidialógicas. Pelo contrário, nelas essas ações ganham ainda mais força e amplitude. Sabe-se ainda que grande parte das informações ofertadas nas

redes não passam da superfície da informação e que, para serem consideradas diálogos, as trocas precisam ser mais profundas (HEIM, 1993).

Observa-se também que nas redes há uma necessidade muito grande de compartilhamento da própria individualidade, uma vez que quem produz conteúdo espera ser visto (MARTINO, 2015). De acordo com Freire (1987), um diálogo não ocorre quando alguém quer a pronúncia do mundo, ou quando o quer para benefícios próprios.

Outra questão a ser analisada é o olhar publicitário para as redes, pois ao possibilitarem um grande alcance de usuários, tornam-se espaços interessantes para a comercialização e venda de produtos, como uma espécie de capitalismo informacional (CASTELLS, 2020).

Nota-se, portanto, que independentemente do ambiente – seja virtual ou físico –, cabe aos seres humanos promoverem ou não ações dialógicas. É preciso aproveitar os espaços com as suas vantagens (interatividade, amplitude, possibilidade de criação conjunta) e tentar superar os obstáculos (falta de profundidade, comercialização do conteúdo, individualidade) investindo tempo, organização e prezando pela hierarquização do conteúdo diante de uma infinidade de informações. Também é necessário saber diferenciar um relacionamento construído no meio digital – capaz de transformar as pessoas a partir da troca dialógica – de uma mera conexão *online* (TURKLE, 2011).

Método

Conforme observado, milhares são as pessoas que estão nas redes sociais digitais. Não considerar dados vindos desses espaços em pesquisas científicas é desconsiderar uma gama de objetos de estudos, uma vez que as relações sociais e as manifestações culturais acontecem e se desenvolvem também nas redes. É necessário que os métodos de pesquisa acompanhem as mudanças da sociedade, especialmente quando se trata da pesquisa qualitativa, na qual se exploram os significados que os indivíduos e grupos atribuem a problemas sociais ou humanos (CRESWELL, 2014).

Neste sentido, muitos são os fenômenos possíveis de serem observados nas redes sociais digitais. Eles são resultado das relações entre pessoas e da troca de experiências estabelecidas nesses espaços. Com o objetivo de identificar ações dialógicas em perfis do

Instagram que abordam o tema da pesquisa científica, utilizou-se como método a fenomenologia.

Segundo Creswell (2014), entre as características definidoras da fenomenologia estão: ênfase em um fenômeno a ser explorado (neste caso, o compartilhamento de conteúdo sobre pesquisas científicas *online*); exploração desse fenômeno com grupos de pessoas que o vivenciam (usuários das redes, pessoas que seguem e acompanham os perfis selecionados); discussão acerca das experiências subjetivas e objetivas vividas pelos indivíduos (feita a partir da seleção de comentários e postagens nas redes); possibilidade dos pesquisadores se colocarem “fora” do estudo para focar nas experiências dos participantes (para este estudo, foi realizada uma observação oculta dos perfis, as pesquisadoras não se apresentaram como usuárias das redes); realização de entrevistas com os indivíduos ou busca por fontes variadas de dados, como poemas, observação e documentos (o estudo em questão partiu da observação do comportamento *online* e das trocas resultantes de postagens e comentários); análise dos dados a partir de unidades delimitadas de análise, passando por unidades mais amplas até descrições detalhadas (a análise ocorreu a partir de categorias que emergiram da Teoria da Ação Dialógica de Paulo Freire); e descrição acerca das experiências dos indivíduos.

Para dar conta da análise do fenômeno, este estudo se restringiu à rede social *Instagram*, por ser uma das que mais cresce na atualidade, especialmente no Brasil (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2021). Nela, as pessoas podem postar fotos, artes gráficas e vídeos no *Feed* (uma linha do tempo do usuário), bem como criar conteúdo para o *Story* (um espaço de publicação de fotos e vídeos por 24 horas) e para o *Reels* (uma ferramenta que permite editar pequenos vídeos de forma rápida e fácil). Com todas essas possibilidades, outros usuários podem interagir com o perfil e promover trocas acerca dos temas compartilhados.

É importante ainda compreender como se dá a hierarquização de perfis no *Instagram*, ou seja, o porquê alguns perfis são considerados mais relevantes do que outros e, conseqüentemente, aparecem para mais usuários – promovendo maiores interações. A rede social digital funciona por meio de um algoritmo, ou seja, um sistema de recolhimento de dados de forma automática e a partir de inteligência artificial. Até 2016, esse algoritmo se baseava exclusivamente na cronologia, isso é, as postagens apareciam em ordem cronológica e as pessoas tinham acesso a todos os conteúdos dos perfis que seguiam.

No entanto, há cinco anos, ocorreram mudanças que objetivaram tornar o *Instagram* mais comercializável. O algoritmo passou a considerar a experiência do usuário e direcionar os conteúdos conforme seus interesses. Desse modo, foi possível aumentar o tempo que as pessoas passavam *online*, o que abriu espaço para a criação de anúncios pagos e patrocínio de postagens por pessoas físicas e jurídicas. No atual modelo, os algoritmos levam em consideração três fatores: a temporalidade (o que tem de mais recente entre os conteúdos de interesses do usuário); o engajamento de uma publicação (quanto mais engajamento, maiores são as chances de ser vista); e os relacionamentos estabelecidos entre os usuários (os perfis com os quais o usuário mais interage).

É importante compreender o funcionamento da rede para entender como se deu a seleção dos perfis do *Instagram* para esta análise. Vale ressaltar que cada usuário encontrará resultados diferentes nos campos de busca, baseados nas suas experiências pessoais com a plataforma.

Sendo assim, o primeiro passo para a análise foi a definição de palavras-chave para a busca de perfis. Optou-se por realizar essa busca no campo de pesquisa do *Instagram* por “nome do usuário”, já que o objetivo era encontrar contas que abordassem diretamente o tema do compartilhamento de conteúdo sobre pesquisas científicas. Foram, então, determinadas como palavras-chave: Pesquisa, Pesquisa Científica, Mestrado, Doutorado, Artigo Científico, Pesquisador, Pesquisadora, Acadêmico e Acadêmica.

Diante destas palavras-chave, foram encontrados 399 perfis que abordavam o compartilhamento de pesquisas *online* (Tabela 1).

Tabela 1 – quantidade de perfis sobre pesquisas científicas no *Instagram*

Palavra-chave	Quantidade de perfis
Pesquisa	53
Pesquisa Científica	29
Mestrado	48
Doutorado	45
Artigo Científico	19
Pesquisador	49
Pesquisadora	48
Acadêmica	53
Acadêmico	55

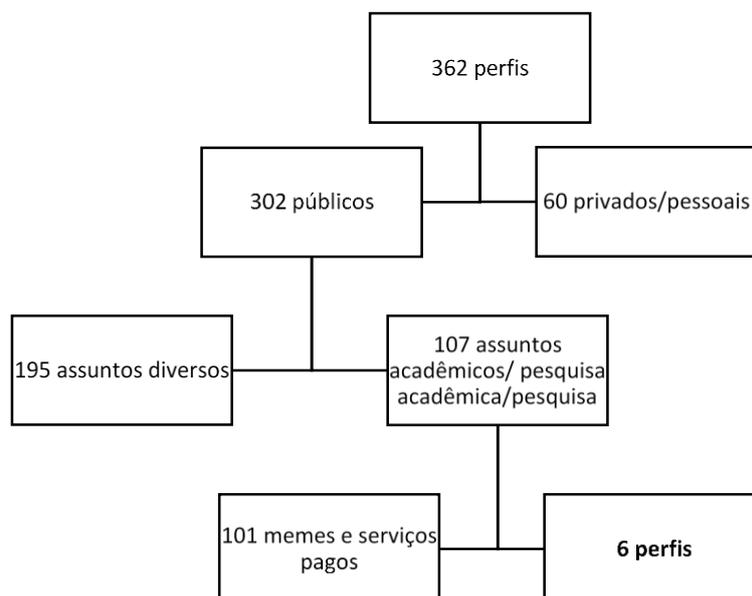
Total	399
-------	-----

Fonte: as autoras

Dos 399 perfis encontrados, foram descartados 37, que apareceram em mais de uma busca por palavra-chave, dessa forma, estavam duplicados. Restaram 362. A primeira classificação foi realizada com relação ao tipo de perfil: os privados e de cunho pessoal (60), que não podem ser acessados sem que haja solicitação de amizade, e os públicos (302). Descartaram-se os privados, sobrando 302 perfis.

A próxima categorização foi feita com relação às temáticas. Foram eliminados 107 perfis que não abordavam a pesquisa científica, a saber, temas como saúde, publicidade e até a divulgação de faculdades, por exemplo, foram descartados. Desses 107 perfis, ainda foram excluídos aqueles que eram focados em “memes” (conteúdos de humor), venda de cursos, consultoria, assessoria e mentoria (com focos exclusivamente comerciais). Restaram para análise seis perfis que continham conteúdo sobre pesquisa científica, propriamente (Gráfico 1).

Gráfico 1 – processo de exclusão e inclusão de perfis para a análise



Fonte: as autoras

Deste modo, foram selecionados para a análise os seguintes perfis (Quadro 1): 1 –

Pesquisa na Prática; 2 – Produção Acadêmica; 3 – Prof José Neto; 4 – SOS da Pesquisa Científica; 5 – Thyciane Pinheiro; 6 – Web Mundo Acadêmico

Quadro 1 – perfis do *Instagram* selecionados para a análise

Nomes dos Perfis	Link dos Perfis
1 – Pesquisa na Prática	https://www.instagram.com/pesquisanapratica/
2 – Produção Acadêmica	https://www.instagram.com/producaoacademica/
3 – Prof José Neto	https://www.instagram.com/profjoseneto/
4 – SOS da Pesquisa Científica	https://www.instagram.com/sosdapesquisacientifica/
5 – Thyciane Pinheiro	https://www.instagram.com/thyciane.pinheiro/
6 – Web Mundo Acadêmico	https://www.instagram.com/webmundoacademico/

Fonte: as autoras

Por fim, os seis perfis identificados foram analisados conforme a Teoria da Ação Dialógica proposta por Freire (1987), com base nas características de um diálogo evidenciadas pelo educador: colaboração, união, organização e síntese cultural.

A busca pelas postagens que compõe a análise deste artigo se deu a fim de contemplar todas as características expostas por Freire (1987) na teoria da ação dialógica. As publicações que aparentemente mais se adequavam à proposta freiriana foram selecionadas e depois analisadas para identificar se tinham características de um diálogo ou se consistiam apenas em troca de informações. Optou-se por contemplar todos os perfis elegidos para a análise.

Apresentação e discussão dos resultados

A partir de uma observação inicial, as postagens identificadas até apresentam características de uma ação dialógica: colaboração, união, organização e síntese cultural. Porém, diante de uma análise mais profunda, notou-se que não é possível confirmar se elas se tratam de diálogos ou consistem em uma conversa superficial.

É preciso ficar atento também à maneira como o responsável pelo perfil analisado compartilha o seu conteúdo, pois, muitas vezes, ele pode reproduzir uma educação considerada bancária, na qual o educador – nesse caso, o influenciador digital – é considerado o único detentor do conhecimento (FREIRE, 1987).

Ressalta-se ainda que, ao analisar o perfil como um usuário comum, as pesquisadoras não têm acesso às trocas de mensagens que se dão no campo “direct” entre o responsável pelo perfil analisado e seus seguidores. Trocas mais profundas, que podem ser dialógicas, geralmente ocorrem nesses espaços considerados mais particulares.

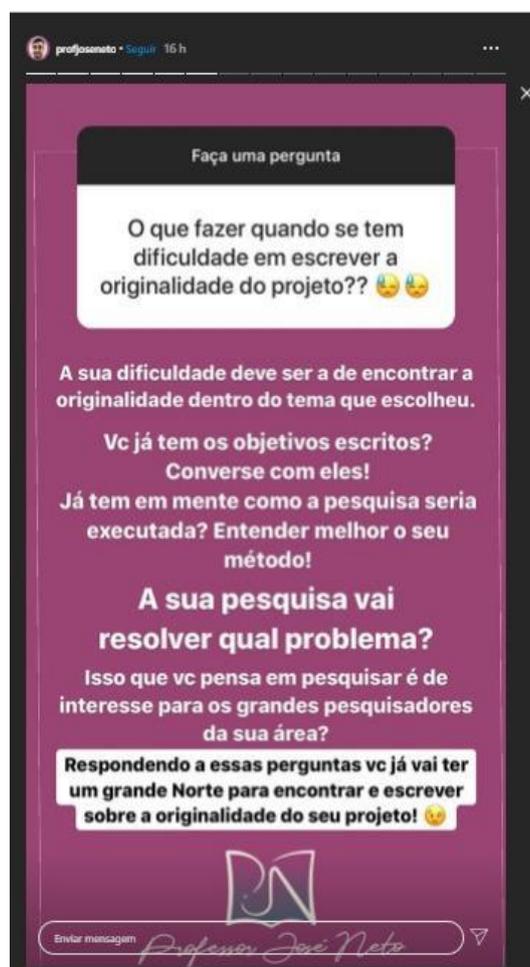
Para ilustrar esta análise, foram realizadas capturas de tela com exemplos de ações dialógicas (FREIRE, 1987) identificadas nos perfis analisados. Optou-se por contemplar dados de todos os perfis, separados conforme melhor se encaixassem nos exemplos.

– Exemplo de colaboração

Na Figura 1, observa-se uma captura de tela do *Instagram@profjoseneto*. Nessa imagem, o autor utiliza a ferramenta do *Story* para abrir uma caixa de perguntas e interagir com os seus seguidores. Um deles questiona o professor sobre a originalidade de um projeto de pesquisa e recebe uma resposta com sugestões para encaminhar o seu estudo. É interessante notar que o autor da publicação responde ao usuário com várias perguntas, que podem prover uma reflexão de sua prática.

No entanto, neste formato de caixa de perguntas, o usuário não consegue fazer uma réplica pública à resposta que recebeu, caracterizando uma troca de informações em que uma única pessoa fala e a outra somente escuta. Porém, a plataforma permite que o usuário continue interagindo com o autor da publicação no campo “Enviar mensagem”.

Figura 1 – exemplo de colaboração



Fonte: <https://www.instagram.com/profjosneto/>.

Freire (1987) destaca que nenhuma pessoa é completa por si só, mas se faz e refaz a partir das relações humanas. Pode-se identificar a característica de colaboração na Figura 1, pois fica evidente a disposição da pessoa responsável pelo perfil em colaborar com o seu seguidor. Além disso, demais seguidores que acompanham o perfil também podem ser beneficiados com o tema abordado na caixa de perguntas.

Nesta segunda imagem é possível visualizar uma postagem no feed do *Instagram@producaoacademica*, em que o autor divulga uma transmissão ao vivo entre ele e o pesquisador Mateus Lima sobre produtividade acadêmica. Esse formato permite que mais de uma pessoa expresse a sua experiência com a temática abordada e possibilita ainda que as pessoas que estão assistindo interajam com os palestrantes, fazendo perguntas e comentários

ao vivo.

Figura 2 – exemplo de colaboração/2



Fonte: <https://www.instagram.com/producaoacademica/>.

Pensando na promoção do diálogo, este é um formato bem interessante, porque muitas pessoas se encontram em um espaço comum, sendo elas: o responsável pelo perfil, seu convidado e os usuários que estão assistindo que, inclusive, têm um espaço aberto para o diálogo entre si.

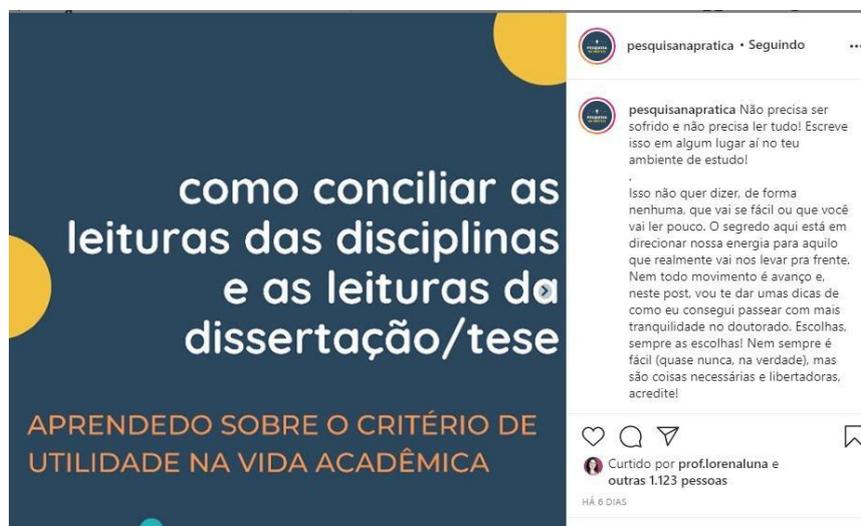
Uma boa prática para a promoção do diálogo é que durante as transmissões ao vivo, os palestrantes abram espaços para a participação dos espectadores. Destaca-se ainda a grande possibilidade de alcance dessas transmissões, já que elas não são limitadas a uma quantidade específica de pessoas, o que ocorreria em um espaço físico, por exemplo.

– Exemplo de união

Para Freire (1987), o diálogo também pressupõe a união entre as pessoas, possível por meio da solidariedade humana. Essa característica pode ser identificada quando se encontram pontos de diálogo em comum entre os indivíduos, que ao serem discutidos, trazem uma consciência de classe e podem promover uma transformação social.

No exemplo da Figura 3 é possível observar uma postagem elaborada pelo perfil @pesquisanapratica, em que a autora discorre sobre as dificuldades em conciliar as leituras das disciplinas cursadas na pós-graduação com as leituras da tese ou dissertação. O aspecto da solidariedade fica evidente na seguinte frase que acompanha a postagem: “(...) neste post, vou te dar umas dicas de como eu consegui passear com mais tranquilidade no doutorado (...) nem sempre é fácil (quase nunca, na verdade), mas são coisas necessárias e libertadoras, acredite!”.

Figura 3 – exemplo de união



Fonte: <https://www.instagram.com/pesquisanapratica/>.

Na sequência, pode-se observar o comentário de uma seguidora na postagem, que começa com a seguinte frase: “Eu estava precisando desse post!”. Depois, ela agradece pelo conteúdo compartilhado: “A ideia de mapa mental para leituras que não são essenciais, mas que não deixam de ser importantes, é incrível (...) essa ideia foi simplesmente genial!”.

A partir desse exemplo é possível observar que os participantes compartilharam uma angústia em comum: conciliar leituras. A troca também possibilitou uma solução para o problema identificado. Neste caso, o uso de mapas mentais.

Figura 4 – exemplo de união/2



Fonte: <https://www.instagram.com/pesquisanapratica/>

Da mesma maneira, na Figura 5, do perfil @webmundoacademico, pode-se observar mais um exemplo de união. Nele, a autora apresenta ferramentas que gerenciam referências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Um de seus seguidores comenta que a postagem foi muito útil e recebe a seguinte resposta: *“Fico feliz por ter ajudado você, espero que aproveite bastante cada um dos sites. Depois volta aqui e me conta qual deles gostou mais, ok?”*. Com essa mensagem, também fica evidente que as conversas nas redes não se findam necessariamente nos comentários, mas podem ter continuidade, por exemplo, em mensagens enviadas diretamente para os autores (*direct*).

Figura 5 – exemplo de união/3



Fonte: <https://www.instagram.com/webmundoacademico/>

– Exemplo de organização

A organização é outra característica apontada por Freire (1987) em sua Teoria da Ação Dialógica. Por meio dela, busca-se alcançar objetivos comuns. Nos perfis analisados, essa característica foi encontrada quando as pessoas buscavam solucionar problemas compartilhados entre elas.

Na figura 6 observa-se uma troca sobre saúde mental na pós-graduação, destaca-se na legenda a seguinte frase: “*precisamos falar mais sobre isso. A academia precisa ser um lugar de acolhimento e não o contrário*”. Trata-se de um convite para que os usuários se organizem e lutem contra a falta de acolhimento na academia.

Figura 6 – exemplo de organização



Fonte: <https://www.instagram.com/thyciane.pinheiro/>

Na Figura 7, observa-se mais um exemplo de organização. A produtora de conteúdo expõe um meio de publicação científica comum nas academias, às chamadas revistas predatórias. Esse é um golpe que visa à publicação de artigos sem que haja apuração da qualidade das informações publicadas em prol de ganhos financeiros. Uma usuária da rede comenta ainda que isso já ocorreu com ela e alerta: “*temos que ficar atentos, né?*”.

Figura 7 – exemplo de organização/2



Fonte: <https://www.instagram.com/sodapesquisacientifica/>

– Exemplo de síntese cultural

A síntese cultural é outra característica descrita por Freire (1987). Ela consiste na compreensão de que nenhuma identidade cultural é melhor do que a outra, mas que todos possuem identidades próprias que, juntas, podem se complementar. Nos exemplos das figuras 8 e 9, a autora começa a sua postagem com o seguinte questionamento: “*Vamos construir esse pensamento juntos?*”. Ela assume que não detém todo o conhecimento sobre a temática e abre espaço para novas ideias.

Nos comentários, um seguidor faz uma contribuição ao que foi proposto por ela: “*Arelado a esse rigor científico, costume trazer, também, minhas motivações pessoais que me levaram a escolher aquela temática*”. Essa junção de contribuições, baseada nas experiências prévias dos usuários, mostra-se como um exemplo de síntese cultural.

Figura 8 – exemplo de síntese cultural



Fonte: <https://www.instagram.com/pesquisanapratica/>

Figura 9 – exemplo de síntese cultural/2



Fonte: <https://www.instagram.com/pesquisanapratica/>

Conforme observado, foram identificadas características de diálogo nas postagens, no entanto, não é possível afirmar que elas consistem em diálogos conforme proposto por Paulo Freire. O primeiro item a ser analisado é a intenção das postagens. Será que o conteúdo foi

produzido a fim de transformar uma realidade ou meramente com o objetivo de autopromoção? Conforme visto, Martino (2015) identifica a necessidade que as pessoas têm de compartilharem suas próprias individualidades nas redes.

Outro questionamento pode ser feito com relação à possibilidade de comercialização de produtos posteriormente ao compartilhamento de conteúdo. Será que essas trocas têm como objetivo final a venda de cursos, por exemplo? Castells (2020) alertou sobre o desenvolvimento de um capitalismo informacional nos meios digitais.

Faz-se importante ainda saber diferenciar simples conexões de relacionamentos mais profundos (HEIM, 1993). Uma ação dialógica, conforme proposto por Freire (1987), não pode ser rasa, uma vez que precisa resultar em ação e reflexão entre os indivíduos. Os exemplos analisados não demonstram tanta proximidade por parte dos usuários, mas aparentam serem ações mais pontuais, nas quais o que ocorre são trocas de ideias e não diálogos.

Diante do exposto, evidencia-se que condenar as redes sociais pela falta de diálogo não é um caminho interessante, nem tampouco endeusá-las como meios que promovem o diálogo. Fica claro que quem faz o diálogo não são as interfaces e suas ferramentas, mas os seres humanos. No entanto, ressalta-se ser importante o desenvolvimento de meios que potencializem esses espaços e mais que isso democratize os espaços de pronúncia do mundo (FREIRE, 1987).

Considerações finais

Este artigo objetivou identificar ações dialógicas em perfis do *Instagram* que abordam o tema da pesquisa científica. No entanto, ao analisar as postagens conforme a teoria da ação dialógica proposta por Freire (1987), encontrou-se um grande desafio. Como é possível saber se as mensagens trocadas entre os usuários proporcionaram a ação e reflexão conjunta dos sujeitos e, assim, podem ser consideradas diálogos?

De forma aparente, foi possível observar características de uma ação dialógica (colaboração, união, organização e síntese cultural) nos perfis analisados. No entanto, não é plausível afirmar que elas geraram ação e reflexão, conforme proposto por Freire (1987).

Entre os principais motivos da impossibilidade de categorização está a inviabilidade

de analisar campos privados, como o *direct* da rede social. Levando em consideração apenas as mensagens trocadas de forma pública, identificou-se que, muitas vezes, elas ocorrem de forma superficial. As conversas se esgotam depois de poucas palavras.

Inclusive, esta pesquisa pode ser continuada incluindo um novo meio de coleta de dados: entrevistas com os produtores de conteúdo, nas quais eles podem proporcionar mais informações acerca das mensagens trocadas no privado.

Fica também difícil afirmar a presença ou não do diálogo quando não se sabe a intenção das pessoas diante das trocas, que podem ter como objetivo a autopromoção ou a comercialização de algum produto para benefício próprio.

Percebeu-se ao longo da análise que estabelecer um diálogo não depende de uma ferramenta, mas das pessoas que estão inseridas no contexto. A ação dialógica decorre do comportamento dos indivíduos, que precisam dedicar a escuta, um olhar atento, empatia e compreensão do outro. Ou seja, para promover educação por meio do diálogo é preciso haver solidariedade humana, independentemente do meio utilizado (FREIRE, 1987).

Do mesmo modo, destaca-se a importância de repensar os espaços educacionais a partir do território virtual. Conforme observado, as redes sociais amplificam as mensagens e, com isso, podem promover a democratização do conhecimento e superar as barreiras de tempo e espaço. Essas interfaces estão cheias de funcionalidades que permitem o diálogo entre os usuários, mas somente as pessoas são capazes de dialogar.

Referências

BARABÁSI, Albert-László. **LINKED – A Nova Ciência dos Networks**. 1. ed. São Paulo: Leopardo editora, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <<https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>>.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. São Paulo:

Cortez Editora e Instituto Paulo Freire, 2004.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Pedagogia da virtualidade: redes, cultura digital e educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

HEIM, Michael. **The metaphysics of virtual reality.** New York: Oxford University Press, 1993.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999. Disponível em: <https://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf>.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes.** 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

TURKLE, Sherry. **Alone Together.** New York: Basic Books, 2011. v. 33.

WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE. **Digital 2021 Global Overview Report.** [S.l: s.n.], 2021. Disponível em: <<https://wearesocial.com/uk/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital/>>.

Submissão em: 06/04/2022

Aceito em: 15/02/2023

Citações e referências
conforme normas da:

